

Escritas além-mar: meninas luteranas caminham junto à cidade e meio ambiente de Florianópolis em meados de 1930

Thiago Perez Jorge¹
João Klug²

Resumo: Este texto se vincula ao doutorado em andamento cujas questões buscam a construção historiográfica do objeto piquenique e seus correlatos na cidade de Florianópolis. O aporte teórico-metodológico utilizado se baseia em Roger Chartier (apropriação, prática e representação) e Michel de Certeau (ato de caminhar). A Ilha de Santa Catarina constituída de mata nativa, morros, rios, lagos e mares concorre às apropriações e práticas seculares que podem incidir contemporaneamente nas representações de piqueniques, trilhas e acampamentos. Os imigrantes, desterrados ou não, parecem fundamentais na produção das representações envolvendo tal meio ambiente, não se restringindo à localidade em questão. Este seria o caso de um grupo de meninas alemãs com suas atividades escolarizadas ligadas a Igreja Luterana da cidade de Florianópolis, que em meados de 1930 relataram numa escrita ordinária, práticas de passeios envolvendo tipo de atividade física, cânticos pela cidade, contato com meio ambiente. Produzem sentidos de uma germanidade além-mar, pois, nesta produção escrita em alemão há tanto a redação de uma carta endereçada a outro grupo de jovens, na Alemanha, quanto relato de práticas em cidades do Estado de Santa Catarina (interior e litoral). Portanto, os resultados apontam evidências do uso social da escrita que participa de processos migratórios e que produz sentidos que envolvem apropriações do espaço das cidades e representações do grupo em questão.

Palavras-chave: caminhada, contato com natureza e cidade, meninas luteranas.

Palavras iniciais

Ano de 1936, Eva Schliemann, esposa do pastor Schliemann³, “contava como era comum acampamentos na Alemanha”, e “um dia ela nos perguntou se não teríamos interesse em fazer algo semelhante por aqui”, tratava-se de “Cabeçudas, [em Itajaí,] um lugar de banhos a mais ou menos 100 km de Florianópolis que seria o local ideal, porque lá existe uma casa de recreação dos alemães, a qual nem sempre está ocupada. Essa alugamos por oito dias” (DIÁRIO 1934 - 1942).

Os trechos acima se referem ao “Diário do Grupo Jovem de Meninas Luteranas”, daqui em diante “Diário”⁴, encontrado junto ao acervo da Igreja Luterana de Florianópolis. São

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes. E-mail: thipjorge@gmail.com

² Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Na pesquisa em andamento ainda não encontramos maiores informações sobre Eva Schliemann. No entanto destacamos que o pastor Ulrich Schliemann exerceu atuação significativa no processo de consolidação da comunidade evangélica no estado de Santa Catarina, sobretudo com respeito à Florianópolis (KLUG, 1994).

⁴ Agradeço a disponibilidade deste Diário pelo professor João Klug. Sobre quem o escreveu, não sabemos. Mas tudo indica pela presença de detalhes que fora escrito por quem viveu tais acontecimentos. Além disso, por

páginas escritas, iniciadas em 1934, no qual consta na sua primeira página o rol das integrantes do grupo, e encerradas em 1942, talvez, devido às repercussões da 2ª Guerra no estado de Santa Catarina, onde espaços escolarizados ou mesmo espaços de práticas alemãs, leia-se ler, escrever e falar esta língua, foram sofrendo interditos de toda sorte no Brasil, e, em Santa Catarina tais proibições ocorreram entre 1937 e 1945 (MACEDO, 2007). Mas aqui hipóteses sobre o fim um tanto brusco do Diário em ressonância aos desdobramentos desta Guerra em Santa Catarina são apenas levantadas. Nosso objetivo é outro: examinar como um objeto da cultura escrita que “registra, inventa e conserva sempre **mais ou menos**, ao **contar**, muitos atos da experiência humana” (CUNHA, 2013, p.251, grifos da autora), pode produzir sentidos do mundo, entre o passado e o contemporâneo.

Assim, inscrito na chamada Nova História Cultural, nossa finalidade visa identificar, nas escritas deste Diário, *práticas* que apontam o modo como *representações* foram produzindo sentidos de uma germanidade a partir de *apropriações* do meio ambiente citadino do estado – Ilha de Santa Catarina e cidades do litoral e interior – e, que através das andanças deste grupo de meninas luteranas, reveladas nestas escritas ordinárias, i.e., escritas que foram feitas por pessoas comuns e não para “fazer uma obra” com prestígio (FABRE, 1993), evidenciam-se nas questões desdobradas sobre a importância do uso social da cultura escrita, pois:

1) Há produção de sentidos de uma *germanidade além-mar*, devido aos tipos de processos migratórios: seja por serem a maioria destas meninas luteranas de descendência alemã em território brasileiro e, que em algum momento do Diário se comunicarão com outro grupo de jovens, meninos na Alemanha, apresentando a estes suas práticas de caminhada e de contato com o meio ambiente, o que aponta para o fortalecimento desta germanidade; seja pela riqueza da produção escrita que revela mediante diferentes aspectos de cada território catarinense, entre as regiões da capital, do litoral norte e do vale do Itajaí, sentidos que se aproximam da celebração da vida na natureza;

2) Analisa-se acerca da atualização de práticas contemporâneas de contato com o meio ambiente como piqueniques, trilhas e acampamentos. Quer dizer, há na experiência presente destas práticas importância de evidenciar a escrita destas descendentes de imigrantes alemãs em Florianópolis, visto que enquanto os divertimentos citadinos concentravam-se nas sessões

identificarmos mais de um tipo de caligrafia, indicamos também que não foi escrito apenas por uma das meninas. Desta forma utilizamos o termo *cronista* para designar as narradoras dos fatos encontrados neste Diário.

de cinema, bailes nos clubes recreativos e passeios na praça da cidade, parece-nos que estas caminhantes, meninas luteranas lideradas pela esposa do pastor, expandiram com suas práticas as possibilidades de produzir e atualizar representações da cidade na década de 1930. Citando Certeau (1994, p.179): “a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que fala”.

Neste texto além de Michel de Certeau, fazemos usos de Roger Chartier e de Simon Schama cujas noções e questões tratadas contribuem no tratamento dos escritos do Diário como ferramenta de uso social. Assim, pretendemos como dever de historiador para com esta escrita com seus “vestígios de passados” salvá-la do “esquecimento” (CUNHA, 2013, p.241). Sentidos destas escritas além-mar que permitem rastrear modos de viver, deste e daquele tempo.

Por uma germanidade além-mar: cabeça de lá ou daqui?

Retornamos ao trecho inicialmente utilizado: a viagem à Praia de Cabeçudas. Trata-se de um relato supostamente enviado à Alemanha a um grupo de jovens meninos⁵.

Era o ano de 1936, e consta no Diário que em “17 de janeiro às 7 horas da manhã, todas prontas para viagem. Diante da casa do pastor esperávamos ansiosas pelo ônibus⁶. Milhares de vezes apontávamos lá vem o ônibus. Era brincadeira. E a esposa do pastor pôs ordem na bagunça” (DIÁRIO 1934 – 1942). E após alguns imprevistos como estouro do pneu na “estrada [que] é muito ruim [...] [no qual] todo mundo teve que descer”, às 13h “com muita sorte chegamos à Cabeçudas” e “lá nos instalamos na casa de recreação” (DIÁRIO 1934 – 1942).

Sobre a localização desta casa de recreação a cronista escreve que “Ela está ao lado de um grande hotel no qual muitos hóspedes banhistas estavam hospedados. O hotel está localizado em frente à praia e nossa casa ao lado um pouco retirado. No entanto nós tínhamos o mar em frente à casa” (DIÁRIO 1934 – 1942). E assim a narração dos fatos já apontava,

⁵ No Diário esta carta é encaminhada ao “*Burckhrdthaus*”, numa tradução livre: “Clube de Jovens”, e é a única passagem que aparece datilografada e não escrita à mão, como as demais. Além disso, entendemos que a carta foi supostamente enviada porque não encontramos até o momento maiores indícios de que o fato ocorreu. No entanto não nos parece invalidar que nesta escrita ordinária, mesmo que fosse apenas um trabalho mental de simular uma carta a ser enviada para um grupo de fora do país, há um exercício do pensamento, i.e., há uma prática de organizar as ideias na construção de um relato endereçada a apresentar a outrem uma dada visão dos acontecimentos vividos aqui. Por isso há tipo de migração que evidencia neste registro práticas e representações.

⁶ A citada casa do pastor situava-se na atual Rua Nereu Ramos, centro de Florianópolis.

atravessando mares, o privilégio deste espaço de lazer. Mas há mais contado pela cronista, como a organização do dia-a-dia desta viagem:

Nossa ordem do dia era: as 6 [da manhã] acordar e vestíamos traje de banho e durante 20 min fazíamos ginástica na praia. Quando prontas com isso, tomava-se banho e se penteava e então tomávamos café. E após, a senhora esposa do pastor fazia uma pequena meditação. Nós cantávamos e recitávamos poesia. A mesma coisa acontecia à noite antes de deitar. Cada uma arrumava sua cama e seus pertences. Passava a vassoura na casa era rodízio, cada uma fazia [...]. Da mesma forma uma por dia era encarregada de acender o forno á lenha, buscar água, colocar e mesa, retirar a mesa (DIÁRIO 1934 – 1945).

Relatos que apontam uma série de informações: 1) uma viagem de “acampamento” para uma “casa de recreação” de alemães, partindo da capital do estado de Santa Catarina até uma praia localizada no litoral norte, em Itajaí; 2) a “ordem do dia” destes momentos de férias, alternando exercícios ginásticos do corpo e da mente (as meditações encaminhada pela esposa do pastor), tarefas domésticas, e, claro, momentos de diversão “com muitas brincadeiras e piadas” (DIÁRIO 1934 – 1942). E, não menos importante, 3) escrever que a “casa” de recreação estava em local “um pouco retirado”, contudo, “nós tínhamos o mar em frente à casa” parece apontar um privilégio, que por sua vez pode se relacionar a uma certa germanidade que este texto busca explorar. De todo modo até aqui, neste *relato enviado*, entendemos haver um movimento do pensamento, i.e., representações ao movimentarem-se nesta prática da escrita constroem sentidos no mundo social. Pois, sua escrita, mesmo que fosse exercício de simulação, aponta imigração simbólica materializada na cultura pelo Diário.

Sucessivas migrações, pois, o Diário além de atravessar oceano, também movimentou cidades no estado de Santa Catarina. Nesta mesma carta há relato da viagem de acampamento de Florianópolis para Cabeçudas, em Itajaí. Mas há também relatos de tantos outros passeios na Ilha de Santa Catarina. A 15 de maio de 1937: “Fomos a Coqueiros [bairro continental de Florianópolis] para tomar banho e ficamos na casa de um conhecido da esposa do pastor, onde deixamos nossos pertences. À noite fizemos caminhada na praia. Foi muito bonito e assim terminou o dia” (DIÁRIO 1934 – 1942). No entanto nos interessa movimentos de outras cidades do estado: São Bento do Sul, Rio Negrinho, Itajaí, Ibirama, Blumenau. Permaneceremos nesta última como outro exemplo de migração entre cidades. Era 10 de janeiro de 1938:

Fizemos viagem à Blumenau. As 8:30 [da manhã] [...] o ônibus passou na casa das meninas e teve início a viagem. Eram quinze meninas, e a esposa do pastor [Eva Schliemann] é o **comando superior**. Sobre as quinze **pequenas selvagens**: Éramos só garganta e cantamos a viagem toda, as vezes e forma de coro, as vezes uníssono até Blumenau. As 13:30 chegamos a Blumenau, estava extremamente quente e ganhamos refresco e salada de frutas, das frutas mais gostosas. [...] Não ficamos muito tempo paradas, fizemos caminhada em Blumenau [...] na casa do pastor da Igreja, após saudação fomos convidadas para tomar banho, não esperamos segundo convite, isso nos agradou muito. [...] Depois do banho, fizemos ensaio de flauta e comemos figos cozidos. [...] numa grande sala repleta de colchões passamos a noite. Era muito romântica a lua linda brilhava pela janela. E os sapos cantavam a noite toda. E vez por outra ouvíamos ronco uma da outra. E quanto o galo cantou por volta 6:30 nos levantamos uma após a outra e com vassoura limpamos a sala e nos lavamos com água retirada do poço (DIÁRIO 1934 – 1942, grifos nossos).

Aqui a cronista apresenta indícios para trabalharmos nas práticas relatadas apropriações do ambiente citadino e representações do grupo em questão. Dito de outro modo, como tais apropriações revelam-se, nas práticas de caminhar pela(s) cidade(s), as representações de um grupo de meninas. Representações organizam “a apreensão do mundo social” estando sempre “delimitadas pelos interesses dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1990, p.17).

Nesse sentido ao trabalhar sobre as “representações” com as quais os grupos modelam de si próprios ou dos outros, a História Cultural pode articular uma realidade construída por diferentes grupos, através das “práticas” que visam reconhecer uma identidade social, ou seja, há nestas “práticas” um processo de se estar no mundo, processo este, entre representações e apropriações inscritas nas práticas que as produzem, que revela um sentido historicamente produzido e que permite marcar no visível a perpetuação e existência de um grupo, classe ou comunidade (CHARTIER, 1990, p. 20 – 26). Dessa forma há nesta escrita de si, do grupo, *visibilidade destes na prosa do Diário através do processo de caminhar entre-mares, entre-cidades*. Mas, que processo seria este?

Certeau (1994, p.177, grifos do autor) nos ajuda ao entender que, no “ato de caminhar” há “um processo de **apropriação** do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma **realização** espacial do lugar (assim como o ato da palavra é uma realização sonora da língua)”, ato de caminho que “implica **relações** entre posições diferenciadas, ou seja, **contratos** pragmáticos sob a forma de movimentos”, e assim, numa “primeira definição” o ato de caminhar nos aparece “como espaço de anunciação”.

Mas o que anuncia este ato de caminhar? Que tipo de apropriação é esta que na sua prática realiza espaços e relaciona posições diferenciadas? Busquemos então sentidos de uma germanidade naturalista.

Nesta empreitada encontramos o historiador romano Cornélio Tácito, com sua obra “Germânia; ou, sobre a origem e situação dos germanos”, escrita por volta de 98 D.C, que segundo Schama (1996, p.86) foi aquele quem permitiu uma “certidão” dos germanos que preservaram “sua condição essencial de filhos da natureza”. Um texto que para Schama (1996, p.86) aponta uma “raça de guerreiros extremamente fortes”, um povo que para o antigo historiador Tácito (apud SCHAMA, p.86) trata-se de uma “raça que não aprecia o repouso” (apud SCHAMA, p.86). Em Blumenau: *não ficamos muito tempo paradas, fizemos caminhada em Blumenau*. Em Cabeçudas: *às 6h acordar e vestíamos traje de banho e durante 20 min fazíamos ginástica na praia*.

Interessante destacar que os escritos de Tácito tomaram força representacional visto que em 1470 a “Germânia” é impressa em Veneza e em 1496 é publicada em Leipzig sua primeira tradução para o alemão, fatos estes que levam a Schama (1996, p.87) entender que esta obra se alojará “para sempre, na corrente sanguínea da cultura germânica”. O que mais podemos ler do Diário que pode remeter a tal sangue germânico?

Uma opinião frágil poderia levar a interpretar que ser bárbaro trata-se de não se vincular a um grupo, de não ser organizado na comunidade. Um engano, pois o termo “bárbaro” visava contrapor junto “a civilização clássica [que] sempre se definiu em oposição às florestas primitivas” (SCHAMA, 1996, p.92). E o próprio Tácito possui um “saudável respeito pelos bárbaros” germânicos, sendo que os vê “como o equivalente social de uma força da natureza” (SCHAMA, 1996, p.99). Por isso nesta força da natureza, invisível que seja, há sempre uma dada organização. No nosso caso, o visível se revela quando o Diário aponta, enfim, uma líder, *a esposa do pastor* em seu *comando superior* que se encarrega da organização das práticas, que por sua vez produzem nas adaptações necessárias, representações em ato. Mas há mais destes que parecem atualizar preservação de “um mundo de virtude silvestre” (SCHAMA 1996, p.94). Em Coqueiros: *tomamos banho e à noite fizemos caminhada na praia. Foi muito bonito e assim terminou o dia*.

Estas *pequenas selvagens* em Blumenau cantavam, tocavam flauta, e não se abalavam frente ao calor desta cidade, *extremamente quente*, alimentando-se de frutas, das *mais gostosas*, e assim montavam seu acampamento *numa grande sala repleta de colchões* para

passar a noite. *Pequenas selvagens* que veem beleza nas coisas mais simples vinculadas à natureza: *da romântica Lua ao canto dos sapos*. E, no dia seguinte, sem qualquer indício de preguiça, com o *despertar do galo* deixavam o local limpo. O sentido de selvagem, incivilizado ou bárbaro desorganizado, sem liderança ou mesmo sujo, é sempre uma invenção que visa distinção, sentido inscrito nas representações cujo “campo de concorrências e de competição” se “enunciam em termos de poder e dominação” (CHARTIER, 1990, p.17)⁷. Mas, aqui não tratamos da questão de como este grupo de meninas luteranas se afirmou mediante processos de conflito de alemães e descendentes no Estado Novo. Tratamos das práticas escritas, vestígios cujos sentidos de germanidade apontam usos sociais de um grupo em afirmação no espaço social.

Era julho de 1937, e uma caligrafia traduzida revela que, ao invés das férias do nosso “inverno” de julho, constavam no alemão “férias de verão”. Portanto, interessa destacar que no ato da escrita há realização de sucessivos movimentos, aqui, imigratórios, seguindo Certeau (1994, p.177) estes “contratos pragmáticos sob a forma de movimentos” que permitem entre o velho que se fortalece e o novo que se apropria, com a cabeça de lá ou daqui, um *fazer que atualiza na prática do espaço a celebração da vida na natureza*. Ou, da figura do homem da floresta que se realiza na cidade com mar. Pois, mediante idas e vindas entre uma simples carta endereçada para fora, e passagens por cidades do estado de Santa Catarina, eis que nos aparecem escritos sobre sentidos de uma germanidade que de alguma forma diz respeito ao modo como no presente se diz de si.

Arte de caminhar pela cidade: meninas da floresta e (agora) da praia

Quero encarar o homem como um habitante, ou parte e parcela da natureza, e não como um membro da sociedade. [...] [Se] for um homem livre, então você estará pronto para uma caminhada. [...] Mas **a caminhada de que falo** nada tem a ver com praticar exercícios [...] como o levantamento de halteres ou de cadeiras, **ela é, na verdade, a empreitada e a aventura do dia** (THOREAU, 2012 p.47; 49; 53, grifos nossos).

Thoreau, autor de “Walden ou Sobre a vida nos bosques” passou dois anos, dois meses e dois dias vivendo “à margem do Lago Walden, em Concord, Massachusetts” (2014, p.17).

⁷ A distinção para Bourdieu (2011), que Chartier se apropria, parte da noção de que as escolhas ligam-se aos interesses de uma dada classe de agentes. Aqui, nesta classe de agentes chamadas de *meninas luteranas alemãs*, o gosto tanto marca sua classe quanto legitima diferenças sociais, visto que na sua prática reproduzem-se em forma de estilos de vida, que, por sua vez reforça a classe como agentes.

Realizou em seu ato próprio, um tanto isolado, sua *independência* com consciência, pois planejou e executou sua aventura, ou arte de morar na floresta, a partir de 4 julho de 1845. Enfim, uma prática simbólica de que “não sabemos o que é viver ao ar livre, e nossa vida é mais doméstica do que pensamos” (THOREAU, 2014, p.39). E por aqui, práticas como piqueniques, trilhas e acampamentos parecem de alguma forma ser atualizadas pelas tintas do Diário. Significa que nestes “**registros de vida**” há “traços culturais” que permitem ao historiador refletir “sobre a conexão passado-presente” (CUNHA, 2013, p.259, grifos da autora).

Em 1937 a 19 de junho, às 5 horas da tarde, o Grupo de meninas chegou à casa de um dos membros da comunidade luterana situada no Estreito, bairro continental de Florianópolis, sendo que “nós as maiores fomos todas a pé. Íamos depressa e conversando pelo caminho. Quando chegamos ao Estreito o sol estava se pondo. Fizemos brincadeiras na grande chácara até anoitecer” (DIÁRIO 1934 – 1942). E após,

organizamos em dois grupos as mais novas na frente as mais crescidas atrás. As tochas foram acesas. **As pequenas ganharam lanternas, e as maiores tochas.** Quando tudo estava aceso **o grupo colocou-se em marcha e cantamos muitas canções.** Recitávamos poesias, frases autores intercalados com hinos. **Depois paramos e acendemos uma fogueira. Admirando as brasas acesas** (DIÁRIO 1934 – 1942, grifos nossos).

No Diário, vestígios que remetem à idealização da “renascença alemã” do século XVI, donde cidades populosas não querendo perder a “relação (tirada de Tácito) entre a floresta natal e sua imunidade às seduções da vida nas cidades”, promoveram um renovado interesse que contribuiu para mudar a imagem do bruto “selvagem”, tornando-o “nobre” (SCHAMA, 1996, p.106). Vestígios, pois, aqui no andar pela cidade em modernização, par a par, tanto tecnologia que remete à sociedade moderna (na figura da lanterna usada pelas menores), quanto representações que, em seu conjunto de práticas (marchas, cânticos, fogueira), celebram a vida virtuosa e natural (na síntese da figura da tocha usada pelas maiores). Temos, portanto, apropriação na cidade de um “germanismo nativo” das “caminhadas pelo bosque” (SCHAMA, 1996, p.111). *Sentidos no presente do fazer trilha e do acampar?*

De todo modo, a representação da figura do “Waldmann” – homem da floresta”, diferentemente dos “refinados pastores procedentes das tradições líricas de música e poesia na Grécia e em Roma”, este homem da floresta “feito dos elementos em que vive: terra e

madeira”, sendo a “música que escuta” executada “na rústica sacabuxa e na viela de roda” (SCHAMA, 1996, p.110), parece ser atualizada aqui, i.e., ao invés da força de homens temos a força de meninas *Quando tudo estava aceso o grupo colocou-se em marcha e cantamos muitas canções*. Logo, encontramos indícios que deslocam entre o presente e o passado representações que simbolizam força associada aos elementos da natureza, fogo, madeira/terra. Desloca-se, portanto, a figura mítica do *homem da floresta* para práticas que revelam *meninas da floresta (agora) com praia, na cidade*⁸.

É possível que “Walden” de Thoreau tenha a ver com “Wald” em alemão: floresta. No entanto parece ser impossível não associar neste Diário as caminhadas deste Grupo de meninas carregando tochas, confraternização “ao redor das fogueiras nas colinas cobertas de bosques” (SCHAMA, 1996, p.126), com tal figura mítica. Caminhada que é arte e é aventura, e, ao terminar numa *admiração pelas brasas acesas*, pode se aproximar da caminhada de que trata Thoreau. Ao menos na sua possibilidade.

Retomando Certeau, a enunciação dos escritos no Diário do ato de caminhar parece contribuir com rupturas, ou ao menos com descontinuidades. Explicamo-nos: na cidade de Florianópolis jornais e periódicos apontam práticas de lazer muito mais vinculadas a um outro modo de ser. Pois, o que toma conta nas diversas notícias sobre diversão citadinas são aquelas que tratam dos bailes em clubes da cidade chamados de “soirées”, dos passeios na principal praça (Jardim Oliveira Bello, atual XV de Novembro) de Florianópolis, chamados de “footing”, e, das sessões de cinema. Práticas de diversão que em seu conjunto apontam modos de ser francês, burguês, moderno e civilizado⁹.

Ora, no Diário as diversões de forma alguma são as oficiais ou obrigatórias da cidade. São *outras* as diversões narradas pelas cronistas. Ainda em 1937, estando as meninas de férias em Rio Negrinho, a 19 de janeiro (retornariam à Florianópolis a 22 do corrente), relatos de que “fizemos o mesmo que a manhã anterior”, ou seja, “nos ocupamos com banho, pedalinho e algumas preferiram andar a cavalo”, acrescentando que pela tarde “fomos pegar pera, pêssego, uvas, morangos que estavam muito gostosos” (DIÁRIO 1934 – 1942). *Experiência do piquenique?* Isto é, encontramos nos escritos destas *meninas da floresta com praia*

⁸ Aqui apenas apontamos a fecundidade de se prosseguir nas análises desta escrita ordinária para com a construção do gênero feminino. Pois, temos de modo associado tanto *representações femininas burguesas*: meninas que na ordem do dia limpavam e participavam das tarefas domésticas, e que também relatam as festas que promoviam para arrecadar dinheiro visando suas próximas aventuras; quanto *representações que celebram modos de vida com a natureza*.

vestígios para alargar sentidos do atual piquenique em Florianópolis? Sentidos que deslocam o estabelecido do então visível de outrora de jornais e periódicos?

Como caminhantes que transformam com suas escritas cada significante do espaço, tornam suas “algumas das possibilidades fixadas pela ordem construída”, e aumentam “o numero dos possíveis” ao criar atalhos e mesmo se proibir de ir por caminhos “líticos ou obrigatórios” (CERTEAU, 1994, p.178). E então estas *meninas da floresta com praia* produzem e atualizam a *sua* cidade.

Algo, portanto, parece escapar “às totalizações imaginárias do olhar” (CERTEAU, 1994, p.172), leia-se: dos produtores oficiais de sentidos – jornais e periódicos. Assim, com o Diário vêm à tona destaques do visível já institucionalizado (quem atualmente não reconhece piqueniques, trilhas e acampamentos?) enquanto invisível em curso de práticas estranhas. Estas, que para Certeau (1994, p.172) são “operações” ou modos de fazer rumo a “uma outra espacialidade”.

E assim, com o ato de caminhar, recolocamos a questão da disputa e concorrência das representações em dado contexto sócio-histórico, na possibilidade de pensar a cidade como “lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções” (CERTEAU, 1994, p.174). *Por isso é arte (de fazer)*. Uma desobediência civil no silêncio dos passos da caminhada. E não foi isso o que desejou Thoreau?

Seguimos para finalizar aquele relato de janeiro de 1937. Na tarde de 19 de janeiro em Rio Negro “veio o mais bonito, fomos [...] no pedalinho contra a correnteza do Rio Negro até a Ponte. As outras foram a pé subindo o romântico morro e esse caminho era mais perto do que pela água. E quando juntamos novamente tomamos um belo banho e voltamos todas em três canoas” (DIÁRIO 1934 – 1942). Romântico agora parece atualizar com maior ênfase *o homem da floresta na água*. Trata-se menos de força associada aos exercícios ginásticos de performance, e mais força relacionada à vida na natureza. Relatos sobre a experiência de uma sensibilidade afetada pela emoção de ir contra a correnteza. Ou da celebração da caminhada na natureza e não simplesmente nas praças da cidade, visto que

No dia seguinte nossa viagem chegou ao fim. **Pela manhã escrevemos versos.** [...] Vimos muitas coisas novas – lugares, pessoas, fauna, flora, região planalto. **Foi uma experiência interessante que nos lembramos agora** a boa caminhada, pedalinho, cavalgada, jogos, cantos e etc. De novo

⁹ Para não extrapolar os limites físico e de questão deste texto deixaremos tais evidências sobre as diversões cidadinas de Florianópolis para outra ocasião.

somos muito gratas à Frau Schliemann e esperamos novos planejamentos. **Se Deus quiser, para o próximo ano, alguma coisa na floresta** (DIÁRIO 1934 – 1942, grifos nossos).

Invisíveis versos escritos da viagem que se transpõem visíveis sob as formas de prosas deste Diário. Com estas escritas ordinárias, muito provavelmente produzidas como uma das atividades comandadas pela esposa do pastor há instituição de “**lugares de memória**”, o que nos ajudam “a perseguir os mistérios do tempo, devassar intimidades”, mas também sensibilidades, visando a procura daquilo que “nos forma”, e, assim “ampliar a nossa compreensão da história” (CUNHA, 2013, p.271, grifos da autora).

Com as cronistas permitimo-nos ir para “práticas significantes” que contam “lendas”, tornam-se “práticas inventoras de espaços”, revelam, por excelência, conteúdos e “princípios que as organiza”, prosas, narrativas feitas “com resíduos ou detritos de mundo” (CERTEAU, 1994, p.188). Trata-se, aqui, de apontar no uso social da escrita vestígios de que há *alguma coisa da/na floresta* no sentido de vida na natureza moderna.

Considerações finais

Buscamos neste texto evidências de práticas de contato com o meio ambiente. Evidências que se referem tanto ao fortalecimento dos sentidos de uma representação germânica naturalista, quanto à celebração da vida junto com a natureza. Caminhar, nadar, cantar, dançar e comer adquirem, assim, uma expressão virtuosa na natureza.

Diferentemente do que era comumente praticado como diversão citadina em Florianópolis (soirées, sessões de cinema, footing). Indicam, portanto, na concorrência e competição a força de um grupo de indivíduos que através da figura mítica do *homem da floresta*, *caminhou* para se distanciar da condição de *desterrados*. Assim, as meninas ao contarem para outrem e viajarem para outros lugares, apropriaram-se e participaram neste *fazer* de processos de intervenção da cidade.

Desta forma temos no Diário um objeto da cultura escrita que pode produzir sentidos do mundo, entre o passado e o contemporâneo. Relatos salvos do esquecimento que agora se tornam enunciados visíveis, passam de um não-lugar, de passagem, da falta, a um lugar possível de ser analisado como produção de memória e com seus efeitos no mundo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2ª edição. Trad. Daniela Kern; Guilherme Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. 2ª edição. Trad. Maria Galhardo. DIFEL: Portugal, 1990.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários Pessoais. Territórios abertos para a História. LUCA; PINSKY (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013, p.251 – 279.

DIÁRIO DO GRUPO JOVEM DE MENINAS LUTERANAS. Acervo da Comunidade Luterana de Florianópolis. Tradução provisória João Klug. Florianópolis, [1934 –1942].

FABRE, Daniel. **Écritures ordinaires**. Paris: Centre Georges Pompidou. Bibliotheque Publique d'Information, 1993.

KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.

MACEDO, Janaina Santos de. **Os campos de concentração em Santa Catarina e os conflitos envolvendo alemães e descendentes durante o Estado Novo**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Cultural. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, 267f.

SCHAMA, Simon. Der Holzweg: A trilha na floresta. _____. **Paisagem e memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.85 – 143.

THOREAU, Henry David. **Caminhando**. Trad. Roberto Muggiati. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

_____. **Walden**. Ou a vida nos bosques. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2014.